

Pedro em visita

Conta-se que Simão Pedro, há tempos, conseguiu chegar ao Rio de Janeiro, perfeitamente materializado. Utilizando preciosos fluidos da natureza, nos bosques floridos que marginam Petrópolis, desceu dos subúrbios para o centro, com o objetivo de verificar as realizações cristãs, entre os novos discípulos do Evangelho.

—o—

Alpercatas de pobre, cabelos à nazarena,

leve bastão a sustentar-lhe o corpo e singela túnica de estamenha, ia o apóstolo, de olhos vivos e doces, estranho aos automóveis e aos arranha-céus, na consoladora antevisão do encontro com os aprendizes do Senhor.

—o—

Achavam-se multiplicados, pensava. Trazia, mentalmente, o endereço de muitos, de conformidade com as rogativas que subiam da Terra para o Céu. Que lhe contariam, acerca dos ideais evangélicos no mundo? Não ignorava que o Planeta continuava sob o guante infernal da guerra, entretanto, sabia que os ensinamentos do Messias avançavam salvando almas.

—o—

Ante o frontispício de admirável organização católica-romana, deteve-se, emocionado.

Aproximou-se. Tocou a campainha.

Pretendia avistar-se com os superiores da casa, afim de trocarem idéias.

Um padre bem humorado atendeu:

— Quem é o senhor?

— Simão Pedro, para servi-lo.

O clérigo sorriu e anotou-lhe os desejos.

Findos alguns minutos, um dos diretores apareceu, em companhia de vários religiosos. Ouviram o visitante humilde, com inequívocos sinais de incredulidade e sarcasmo.

Não chegaram nem mesmo a considerar-lhe as palavras.

— Volte segunda-feira, com o atestado policial — declarou o orientador da instituição — e providenciarei seu ingresso no asilo.

Simão tentou explicar-se.

O eclesiástico, no entanto, foi claro:

— Não insista. Tenho mais que fazer. Venha segunda-feira. O psiquiatra organizará sua ficha.

Sequioso de entendimento, pediu Pedro:

— Tenho sede. Permita-me entrar, por obséquio.

— Quê? Entrar? Não precisa disto para beber água. Na esquina próxima encontrará um café, e será atendido.

—o—

Em vista da porta repentinamente cerrada, o apóstolo, algo triste, cruzou várias ruas e estacionou junto de simpática vivenda.

Perguntou ao jardineiro pelo ministro da igreja reformada que a ocupava.

O robusto rapaz deu-se pressa em satisfazê-lo. Em momentos breves, trouxe consigo não só o pastor, mas também dois jovens presbíteros.

À primeira interrogação, o visitante respondeu, esperançado:

— Sou Pedro, o antigo pescador de Cafarnaum.

Entreolharam-se os presentes, espantadiços.

Debalde buscou o velho Cephas esclarecer os propósitos que alimentava. O ministro evangélico, ao invés de prestar-lhe atenção, pôs-se a ouvir os rapazes tagarelas.

— Penso que é portador da mania ambulatória — asseverou um deles — traz alpercatas e os pés não parecem muito distintos.

— Tenho ido pregar no hospício — informou o outro e conheço alguns casos de loucura circular.

O pastor dirigiu-se a Pedro e declarou, sem rebuços:

— Pode retirar-se. Aqui, não posso receber-lo. Procure o culto no domingo pela manhã.

— Irmão, não me expulse assim... rogou Pedro, humilde.

— Nada posso prometer-lhe — revidou o ministro, seguro de si — a congregação está longe de construir o nosso hospital de alienados.

—O—

Vendo-se novamente sozinho, o ex-pescador galileu varou largo trecho da via pública e parou à frente de nobre domicílio.

Bateu, acanhado.

Ao rapazinho que atendeu, lépido, indagou pelo diretor de importante organização espírita que ali residia.

Decorridos alguns instantes, o dono da casa veio em pessoa, seguido de dois confrades.

À inquirição inicial, respondeu tímido:

— Sou Simão Pedro, o discípulo de Cefarinaun.

Os novos amigos permutaram expressivo olhar.

O missionário da Nova Revelação, que o apóstolo procurara, nominalmente, afirmou calmo:

— Obsessão evidente. Creio esteja ele atuado por argucioso perseguidor invisível.

— Um vidente faria aqui a necessária verificação, acentuou um dos companheiros.

O outro, contudo, mostrando extensa intimidade com Richet, acrescentou, com algum pedantismo:

— Tipo inabitual. Bem provável possa ser aproveitado aos estudos de criptestesia.

Adiantando-se, Pedro implorou:

— Irmãos, tenho sede de comunhão fraterna em torno do Cristo, Nosso Senhor. Que me dizem do trabalho evangélico, na atualidade do mundo?

O principal do grupo afagou-lhe a destra que se movia suplicante e replicou:

— Procure-me na sessão de sexta-feira, depois das vinte horas. Teremos doutrinação. A cousa vai melhorar, “meu velho”.

E, gentilmente, deu-lhe o endereço.

Fechou-se a porta e o trinco rodou, automático.

—O—

Quem contou a história, disse-nos ter visto o antigo discípulo da Galiléia enxugar as

lágrimas a lhe deslizarem copiosas do rosto e perguntar a esmo, fixando o céu tranqüilo do crepúsculo:

— Senhor, onde estará pulsando o coração de teus aprendizes?!

Em seguida, silencioso e taciturno, o velho pescador pôs-se de novo, a caminho, na direção do mar...

Cap. XVII

Explicações

Não, meu amigo. Quando me desvencilhei do corpo físico, há quase vinte anos, o título de “espírita” não me classificava as convicções.

Como acontece a muita gente boa,creditava mais no que via com os meus olhos e tateava com as minhas mãos.

Lia o Evangelho de Jesus e compulsava as impressões de vários experimentadores da sobrevivência, entretanto, sem objetivos sérios de estudo e sim na extravagância das gra-